

## De encontro ao nada: a pulsão de morte

### Encountering nothingness: death drive

GEOVANE DOS SANTOS DA ROCHA<sup>1</sup>

**Resumo:** Dentre as elaborações conceituais da psicanálise, a pulsão certamente ocupa um patamar de destaque e importância para o entendimento do funcionamento psíquico. Isso porque o estímulo pulsional, situado na fronteira entre soma e psique, atua como uma força incessante que requer satisfação através de modificações específicas da fonte interna emissora de estímulos. Contudo, esta formulação, durante o desenrolar das obras de Sigmund Freud, sofre alterações e desenvolvimentos diversos, tendo a presença de duas dualidades. A primeira, regida pelo princípio do prazer, descreve as pulsões sexuais e as suas conexões às pulsões de autoconservação. A segunda, entretanto, ultrapassa o princípio do prazer e descreve as pulsões de vida e as pulsões de morte. À vista disso, o presente estudo realiza uma leitura do conceito psicanalítico de pulsão – desde suas primeiras aparições até a elaboração final freudiana (pulsão de morte) – destacando suas vicissitudes no aparelho psíquico.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Pulsão de morte. Repetição.

**Abstract:** Among the conceptual elaborations of psychoanalysis, drive certainly occupies a level of prominence and importance for the understanding of psychic functioning. That's because drive stimulus, located on the border between soma and psyche, acts as an unceasing force that requires satisfaction through specific modifications of the internal source of stimuli. However, this formulation, during the course of Sigmund Freud's works, undergoes different changes and developments, with the presence of two dualities. The first one, governed by the pleasure principle, describes sexual drives and their connections to self-preservation drives. The second one, however, goes beyond the pleasure principle and describes the drives of life and the death drive. Considering this, the present study performs a reading of the psychoanalytic concept of drive - from its first appearances to the final Freudian elaboration (death drive) - highlighting its changings in the psychic apparatus.

**Keywords:** Psychoanalysis. Death drive. Repetition.

## Introdução

Dentre as elaborações conceituais da psicanálise, a pulsão certamente ocupa um patamar de destaque e importância para o entendimento do funcionamento psíquico. Lacan (1964/2008), ratificando tal perspectiva, posiciona a pulsão nos quatro conceitos fundamentais da psicanálise e destaca sua importância para a compreensão do sujeito do inconsciente. Isso porque o estímulo pulsional, situado na fronteira entre soma e psique, atua como uma força incessante que requer satisfação através de modificações específicas da fonte interna emissora de estímulos.

Contudo, podem ser percebidas diversas modificações no conceito pulsional ao

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: geovanesdarocha@outlook.com

longo das obras freudianas, tendo o psicanalista desenvolvido e aprimorado tal conceito por vários anos. Freud (1930/1996e) comenta, inclusive, que a teoria das pulsões foi aquela que mais penosa e cautelosamente progrediu na compreensão analítica. Tal desenvolvimento culminou na presença de duas grandes compreensões às pulsões, além de variados apontamentos. A primeira concepção pode ser encontrada, essencialmente, no texto *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), com uma divisão entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais. Em tal escrito, classifica-se estas como voltadas à conservação da espécie e aquelas como orientadas à preservação do indivíduo. Neste momento, as sensações de prazer estão associadas à redução de estímulos e as de desprazer ao aumento da estimulação.

A segunda concepção, em contraponto, pode ser visualizada basicamente no texto *Além do princípio do prazer* (1920). Em tal escrito, há a preocupação com aqueles impulsos que não podem ser explicados somente pelo princípio de obtenção de prazer, estando para além desta doutrina. De tal forma, propõe-se a divisão das pulsões naquelas orientadas à vida (*Eros*), que constantemente procuram conseguir uma renovação desta, sendo incluso aqui as sexuais e as de autoconservação; e à morte (*Tânatos*), que buscam conduzir o que é vivo a um estado anterior, das substâncias não vivas. Comportamentos masoquistas do ego, nesta última modalidade, evidenciam tendências para a autodestruição.

## Metodologia

O presente estudo desfruta do recurso metodológico da pesquisa qualitativa e objetiva abordar a concepção psicanalítica pulsional. Segundo Minayo (2016), esse tipo de estudo trabalha com um universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, sendo que os objetos da pesquisa dificilmente são expressos em números e escalas quantitativas. Logo, esse método não produz dados visíveis, necessitando de indicação e examinação por parte dos próprios pesquisadores.

Além disso, qualifica-se, conforme descrito por Creswell (2014), como um estudo exploratório por ter o intuito de observar, registrar e analisar variáveis relacionadas a determinado tema. Outrossim, se faz uso da revisão literária para a investigação do processo de desenvolvimento do conceito pulsional até a concepção final freudiana de pulsão de morte. De tal maneira, adota textos – principalmente de Sigmund Freud – para levantar conteúdos e discussões sobre a temática proposta.

## Algumas aparições do conceito na obra freudiana

O termo pulsão aparece, juntamente com a primeira definição do conceito, no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicado em 1905. Neste trabalho, Freud (1905/1996h) concebe a pulsão como o representante psíquico – provindo de uma fonte endossomática – que exerce constante estimulação. Devido a tal característica, delimita o anímico e o físico: a pulsão aparece como uma medida de

exigência de trabalho à mente; um estímulo que tem como fonte um processo excitatório em algum órgão e como alvo a eliminação de tal excitação. Freud (1905/1996h) utiliza tal conceito, inclusive, para diferenciar os estímulos provindos do interior (pulsionais) e aqueles oriundos do mundo externo (gerados fora do organismo).

No mesmo texto, Freud (1905/1996h) evidencia a existência de pulsões sexuais, carregadas de energias libidinais derivadas de fontes internas de excitação; de pulsões de fome, correlacionadas à nutrição e suas necessidades fisiológicas; e de pulsões oriundas de pares de opostos – ver e exhibir-se e a crueldade passiva/ativa. Além do mais, classifica as pulsões como parciais em razão da constância e da satisfação exibida, podendo elas atingirem seus alvos por meio de zonas erógenas – oferece destaque à boca, ao ânus e às genitálias.

Posteriormente, no texto *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, Freud (1909/1996c) realiza discussões acerca da agressividade, ou mais especificamente, da hipotética pulsão agressiva. Tal desenvolvimento se fez necessário devido a propagações de outros teóricos – sobretudo de Alfred Adler – sobre o tema. Freud (1909/1996c), então, considera que as pulsões não são agressivas, contudo, podem acabar desenvolvendo a característica em questão.

Adiante, em *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, Freud (1910/1996a) desenvolve a discussão iniciada em 1905 sobre as pulsões de fome e sexuais. Ambas são categorizadas, neste momento, como pertencendo às pulsões do ego ou também chamadas pulsões de autoconservação, além de possuir os mesmos órgãos ou sistemas de órgãos à sua disposição. Isso porque o prazer sexual não se liga somente à função genital: a boca pode tanto beijar quanto comer e falar; os olhos tanto podem tanto perceber alterações no exterior quanto captar as peculiaridades – os encantos – dos objetos escolhidos como alvo de amor.

Há novo desenvolvimento ulterior do conceito em 1914, no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Freud (1914/1996g) estabelece, na ocasião, sua concepção sobre o narcisismo: ao se apropriar do seu corpo, o indivíduo investe permanentemente sobre si mesmo, ou seja, suas pulsões – com destaque às sexuais – tomam seu corpo como objeto de satisfação. Além disso, é descrito que as primeiras satisfações sexuais – autoeróticas – são vividas em conexão às funções vitais – autoconservação. Somente posteriormente as pulsões sexuais se tornariam independentes em relação às pulsões do ego. Isso explicaria o porquê de os primeiros cuidadores serem também os primeiros objetos sexuais.

Com a presença de variados apontamentos sobre a concepção pulsional – às vezes aparecendo sob os termos ‘excitação’, ‘ideias afetivas’, ‘estímulos endógenos’ etc. (1920/1996b) – Freud destacava a sua insatisfação com o desenvolvimento do conceito de pulsão. Foi somente em 1920 que o psicanalista dedicaria maior trabalho

na tentativa de clarear o conceito.

### **Primeira dualidade pulsional**

A pulsão, devido às suas características, não pode ser visualizada e compreendida por meio de processos de observação ou localização direta no corpo. Ao configurar um constructo teórico que não designa realidades existentes empiricamente, o estímulo pulsional requer procedimentos diversos para a produção de inteligibilidade. À vista disso, uma das primeiras peculiaridades a ser considerada sobre a pulsão, conforme destaca Freud (1915/1996f), reside no fato dela não provir do mundo externo, mas do interior do organismo. Devido a isso, age como uma força constante que só pode ser compreendida por meio de seu representante na vida mental.

Esse aspecto compõe a característica primordial da pulsão: provém do corpo e alcança à mente como um representante da ligação existente entre o psíquico e o somático. Ao surgir de uma fonte corporal, o estímulo pulsional exerce pressão – medida de exigência de trabalho – para atingir, através de um objeto particular, sua meta de satisfação (Freud, 1915/1996f). Todavia, neste momento – *Os instintos e suas vicissitudes* (1915) – de construção teórica sobre o conceito em pauta, Freud (1915/1996f) relaciona a pulsão às sensações da série prazer-desprazer, em que as percepções prazerosas estão associadas à redução de estímulos e as desprazerosas ao aumento.

Consoante a Jorge (2008), um elemento essencial da pulsão reside no seu caráter parcial, não sendo possível, de tal maneira, satisfações completas, mas somente parciais. À vista disso, o estímulo pulsional não se retém somente ao aspecto reprodutor da sexualidade humana. Surge, a partir de então, o primeiro dualismo pulsional, composto por *pulsões sexuais* – com função de manutenção da espécie – e *pulsões de autoconervação* – com função de preservação do indivíduo. Para Freud (1915/1996f), estas pulsões, chamadas também de pulsões do *Eu*, estão relacionadas à satisfação das necessidades vitais do indivíduo, enquanto aquelas remetem a questões libidinais e da sexualidade.

A fonte do estímulo pulsional é o processo somático que se origina no corpo e gera um representante psíquico para a mente a fim de que se atinja a sua meta, a satisfação, que pode ser apreendida por diversos caminhos. A pressão da pulsão representa o fator motor para o alcance da meta, utilizando-se para isso de um objeto que pode ser tanto uma parte do próprio corpo como algo exterior, desde que possua condições de satisfazer este estímulo pulsional (FREUD, 1915/1996f). Estas características determinam a natureza das pulsões, as características comuns a todos estes estímulos. Além do mais, Freud (1915/1996f) elenca quatro vicissitudes da pulsão: o recalque, a sublimação, a inversão em seu oposto e o retorno contra a própria pessoa.

## Segunda dualidade pulsional

No decorrer das produções de Sigmund Freud, o dualismo pulsional sofre modificações. O que antes era regido pelo princípio do prazer, posteriormente ganha uma característica mais além. Isso pode ser percebido, essencialmente, a partir de *Além do princípio do prazer* (1920), em que se insere uma nova compreensão das motivações inconscientes, ocasionada pelo advento dos conceitos de *Eros*, pulsão de vida, e *Tânatos*, pulsão de morte. Freud (1920/1996b) distingue, no texto, as duas referidas modalidades de pulsões: as de vida, que procuram alcançar uma preservação desta por meio da ação/movimento – as pulsões sexuais e as de autoconservação adentram essa modalidade –, e as de morte, que buscam conduzir o que é vivo a um estado inanimado, à ausência de estimulações.

Chemama (1995), nesse encadeamento, destaca a pulsão de morte como sendo primordial para o aparelho psíquico, que trabalha para reduzir tensões e excitações ao menor nível possível. Segundo a autora, este conceito representa uma maneira segundo a qual o sujeito se conduz em direção ao seu estado primordial de não-vida, à estagnação, à morte. Logo, a pulsão de morte era entendida por Freud (1920/1996b) como uma tendência á eliminação de estímulos, ou seja, a ausência do novo e da vida.

Freud (1920/1996b), sob tal entendimento, evidencia três situações para exemplificação do conceito em questão: o brincar infantil, a reiteração de sonhos traumáticos e a repetição transferencial. Destacando primeiramente a brincadeira de crianças, profere-se que estas repetem tudo o que lhes causou uma grande impressão na vida real, inclusive circunstâncias de cunho negativo. A natureza desagradável presente em certas brincadeiras não as torna desapropriadas, pois a criança passa da passividade para a atividade. Por meio do jogo lúdico, ela transfere a experiência sentida como desagradável para outrem.

O sonho, em seguida, configura um método confiável para se investigar processos mentais profundos. Nesse sentido, a reiteração de sonhos que levam pacientes a reviver situações traumáticas anteriores aponta uma tendência masoquista do ego. Tal fenômeno encontra, inclusive, grande incidência atual por meio de transtornos ansiosos, como o Transtorno de Estresse Pós-traumático. Por último, destaca-se a transferência de situações indesejadas e de emoções percebidas como penosas, sendo corriqueiro indivíduos reviverem ocasiões desagradáveis transferindo-as de formas engenhosas (Freud, 1920/1996b).

Esses exemplos demarcam situações em que os indivíduos reiteram constantemente e cujo teor – em suma – é eminentemente desprazeroso, evidenciando elementos que não podem ser explicados somente pelo princípio do prazer, pois estão além deste. Para compreender tais fenômenos, utiliza-se a concepção psicanalítica de pulsão de morte, que altera e amplia a anterior

concepção das pulsões. Por meio desse novo conceito, Freud (1923/1996d) concebe uma característica geral para qualquer pulsão, de vida ou de morte: uma posição conservadora, com tendência a reestabelecer um estado de coisas que foi perturbado com o advento da vida. Esta, ao surgir, seria a responsável tanto pela sua continuação quanto pelo esforço em direção à morte.

De tal maneira, tanto as pulsões de vida quanto as de morte estão presentes nas substâncias vivas, porém em proporções desiguais. Nessa relação, a pulsão de vida, objetivando preservar o sujeito, desvia, em algumas ocasiões, partes da pulsão de morte ao mundo externo, ganhando uma aparência destrutiva. A parcela de pulsão de morte que permaneceu no mundo interno, contudo, pode traçar outros caminhos. Quando fusionada à pulsão de vida, consegue descarga por meios mais 'saudáveis'. Quando não fusionada, o indivíduo se torna severo e agressivo com o seu ideal do ego, sendo então a pulsão responsável – juntamente com o superego (instância internalizadora da lei) – por excessivas autopunições e, conseqüentemente, pelo sentimento de culpa (Freud, 1923/1996d). Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930/1996e) complementa tal perspectiva expondo que quanto mais um homem controlar sua agressividade com o exterior, mais severo e agressivo ele tornará em relação ao seu ideal do ego.

Por conseguinte, Jorge (2008) descreve outra característica – desenvolvida a partir do advento de Tânatos – essencial para qualquer pulsão: seu aspecto repetitivo, como uma compulsão à repetição. Este imperativo de repetir, para Freud (1920/1996b), traz à tona experiências do passado que não possibilitaram a obtenção de prazer, sendo que muitas nunca trouxeram satisfação, o que denota, realmente, elementos que sobrepõem o princípio do prazer. Ademais, segue o autor, as manifestações da compulsão à repetição apresentam um caráter pulsional em alto grau que, quando atuam de forma opositora ao princípio do prazer, ganham a aparência de uma força cuja forma é considerada 'demoníaca'.

Neste âmbito, Lacan (1964/1992) destaca dois aspectos da repetição: o *autômaton*, relacionado ao simbólico, tendo, de tal maneira, uma insistência automática da rede dos significantes que retornam comandados pelo princípio do prazer; e o *tiquê*, que está mais além do automatismo e possibilita o encontro faltoso com o real, o qual reside atrás do funcionamento automático do significante. Assim, a repetição, tematizada por Lacan (1964/1992) em duas vertentes, é a manifestação da articulação entre o simbólico e o real, entre o inconsciente e a pulsão. Revela, de tal maneira, o aparecimento do simbólico, no inconsciente estruturado, daquilo que constitui o núcleo deste último: o real, um furo na estrutura que escapa à simbolização.

### **Considerações finais**

Dentre as construções teóricas da psicanálise, a concepção pulsional

certamente merece destaque. Agindo como um estímulo que exige satisfação, a pulsão configura um conceito-limite entre o psíquico e o somático, o qual só pode ser compreendido através de seu representante na vida mental. Esta formulação, durante o desenrolar das obras de Sigmund Freud, ganha duas modalidades de dualidade pulsional. A primeira, regida pelo princípio do prazer, descreve a relação existente entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação. A segunda, entretanto, vai mais além do princípio do prazer e descreve a conexão existente entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

Antes de a vida surgir, não havia a existência de objetos que não fossem inanimados. Contudo, com o surgimento daquela, os seres, agora vivos, começam a apresentar tendências a retornar aos seus estados anteriores de não vida. A psicanálise, nesta relação, elabora o conceito de pulsão de morte, alegando que os indivíduos tendem a reduzir tensões e excitações ao menor nível possível, conduzindo-se à morte, ao nada. Em contraponto, surge a concepção de pulsão de vida, que tende a preservar a vida existente. Estas duas categorias de pulsão estão presentes em todas as pessoas e permitem novas compreensões sobre as psicopatologias atuais, como o Transtorno de Estresse Pós-Traumático; a agressividade; a culpa; e a tendência à auto degradação/destruição.

## Referências

- CHEMAMA, R. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Larousse, 1995.
- CRESWELL, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre 5 abordagens* (3ª ed.). Porto Alegre: Penso.
- FREUD, S. *A Concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago, 1910/1996a.
- \_\_\_\_\_, S. *Além do princípio do prazer*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996b.
- \_\_\_\_\_, S. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. X). Rio de Janeiro: Imago, 1909/1996c.
- \_\_\_\_\_, S. *O id e o ego*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1923/1996d.
- \_\_\_\_\_, S. *O mal-estar na civilização*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996e.
- \_\_\_\_\_, S. *Os instintos e suas vicissitudes*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996f.
- \_\_\_\_\_, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996g.
- \_\_\_\_\_, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996h.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. *O seminário*. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964/1992.

MINAYO, M. C. S. (2016). *Trabalho de campo: contexto da observação e descoberta*. In MINAYO, M. C. S, DESLANDES S. F. & GOMES R., *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 61-78). Petrópolis: Vozes, 2007.

Submissão: 10. 10. 2018 / Aceite: 20.12.2019